

Centro de Recursos Educativos (parte II).

Um olhar sobre uma polifonia complexa.

MARGARIDA M. GRAÇA, ANA MARIA PESSOA, FERNANDO PINHO, FRANCISCO MATIAS, ISABEL S ROSA, LUÍSA CRUZ,
NATÉRCIA MASSAS, PATRÍCIA ARGUËLLO, SUSANA MARQUES, TERESA MARQUES

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

Resumo

Partilha-se a fundamentação teórica do projeto pedagógico de Centro de Recursos Educativos (1986-2022) inserido na formação inicial e contínua de professores, educadores e de outros profissionais na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal (ESE/IPS). A equipa responsável pela implementação e desenvolvimento do projeto descreve, a partir de dentro, o contexto em que foi criado, a conceção teórico-prática que o sustenta, a sua organização/concretização e uma avaliação do que foi este projeto educativo inovador no ensino superior público em Portugal.

Palavras-chave:

Recursos Educativos, Centros de Recursos Educativos, Inovação Pedagógica, Trabalho por Projetos, Autonomia, Formação Cooperada..

Abstract

This article outlines key elements of the theoretical framework underpinning the Educational Resources Centre project (1986–2022), embedded in both the initial and continuing education of teachers, educators, and other education professionals at the School of Education of the Polytechnic Institute of Setúbal (ESE/IPS). Drawing on an insider perspective, the project team examines the context of its inception, the theoretical–practical foundations guiding its development, its organizational and operational structure, and an appraisal of its significance as an innovative educational initiative within Portugal’s public higher education sector.

Key concepts:

Educational Resources, Educational Resource Centers, Pedagogical Innovation, Project-Based Learning, Autonomy, Collaborative Professional Development.

Introdução

Toda a prática se inscreve numa escolha de possíveis e de constrangimentos que determinaram decisões em função de objetivos e em função de valores (explícitos ou implícitos)
(Beillerot, 1992)

Neste texto apresenta-se o que foi o projeto do Centro de Recursos Educativos (CRE) na sua relação com o projeto da Escola Superior de Educação de Setúbal do Instituto Politécnico de Setúbal (ESE) e na utilização dos recursos educativos, em qualquer suporte, como contributo transformador das práticas pedagógicas docentes. Dada a limitação de espaço e a extensa vida do projeto e, como complemento ao texto “Centro de Recursos Educativos da ESE: inovação no capitel”, apenas se mencionarão as finalidades, objetivos e algumas atividades desenvolvidas, ou seja, os traços fundamentais de um percurso que, seja no CRE como um todo, seja no que a cada setor respeita, são imprescindíveis numa publicação comemorativa dos 40 anos da história da instituição. Este texto autónomo tem, naquele, o inevitável enquadramento teórico, histórico e conceptual. Como complemento a ambos, será publicada uma monografia bastante mais extensa, em 2025, na editora Sítio do Livro. Por essa razão, apenas se

identificam as principais intervenções de cada setor do CRE, por áreas que vão da formação inicial, a contínua, à relação com o exterior. Pela primeira vez (e única, até agora) criou-se um recurso deste tipo numa instituição de ensino superior, a partir do projeto da Escola na qual se viria a desenvolver. Este projeto reflete sobre inovação, recursos educativos e pluralidades possíveis em sala de aula. Visibilidade, nos documentos fundadores da ESE e na intervenção quotidiana, fizeram dele um dado incontornável na apreciação das inovações pedagógicas concretizadas, nos últimos 40 anos, no país.

1. Centro de Recursos Educativos - inovação na integração curricular

Desde o início identificaram-se duas valências que foram fulcrais na sua implementação, a saber: *prestação de serviços* na área dos recursos educativos e *intervenção na atividade pedagógica*. Por essa razão, foi objeto de cuidado específico a criação, a formação e o desenvolvimento do trabalho da equipa. Um atento processo de recrutamento, formação interna e pessoal que lhe permitiu intervir na formação inicial, na formação contínua, na colaboração com o interior, na produção de materiais, na formação no exterior, a nível local, nacional e internacional.

Na formação inicial, houve a criação de disciplinas específicas em todos os cursos de Educação de Infância, do 1º Ciclo do Ensino Básico e das Variantes (Português-Inglês e Português-Francês) e Ensino da Música, Educação Visual e Tecnológica, Matemática e Ciências. Também se interveio nas licenciaturas fora da área de Educação como Comunicação Social, Desporto, Tradução e Interpretação, Animação e Intervenção Sociocultural, Língua Gestual Portuguesa, Promoção Artística e Património. Na área dos mestrados e pós-graduações e dos cursos de Complemento de Formação (DESE e CESE) houve também um trabalho imenso. Durante três décadas o CRE teve a área *Oficina Multimédia* (1980/2010). Numa época em que raras pessoas tinham computadores e, muito menos portáteis, o CRE disponibilizava-os a estudantes. Entre 1988 e 2023, a visita guiada a todos os setores do CRE era atividade obrigatória nas disciplinas lecionadas pelos docentes a ele ligados. Em 2005/06 foi criada uma Papelaria no CRE (encerrada em 2015).

Para que uma inovação se afirme é necessário que, na formação inicial e contínua, as/os estudantes tomem contacto e vivam experiências como as que, depois, poderão vivenciar na sua vida profissional. Por essa razão foram incluídas, nos currículos, disciplinas específicas das

áreas teóricas do CRE, como entre muitas outras: *Comunicação Educacional*, *Oficina de Diaporama* e *Oficina de Vídeo*, e *Opções* como *Audiovisuais* e *Gestão de Recursos Educativos* e *Actividades Multimédia*.

A vertente teórico-prática foi privilegiada, sendo a avaliação de estudantes feita através da realização de projetos, de produção de trabalhos, de exposições de cartazes e fotografias, de ficha de leitura (simples e crítica), de recensão crítica de livros e análise de filmes, criação de dossiês de aprendizagem, portefólios (depois de 2016, também digitais), *pitch*, apresentações orais, trabalhos multidimensionais (fantoques, jogos, esculturas...), entre outros, com recurso quase esporádico a testes, sempre com peso reduzido. Nestas disciplinas/Unidades Curriculares (UC) trabalharam-se aspetos ligados à formação cívica e democrática, na prática quotidiana. Pretendeu-se contribuir para a formação de profissionais responsáveis, autónomos e solidários, no respeito por direitos e deveres, numa perspetiva crítica e pluralista. Muito antes da introdução de temáticas transversais aos currículos, antes de lhes ser dada uma designação específica, o CRE trabalhava as questões dos direitos humanos, da educação para a igualdade de género,

intercultural, para a segurança, para os media, para a saúde e sexualidade, assim como questões na área dos códigos de ética e de educação social.

2. Dinâmicas de Formação Contínua

Na formação contínua o CRE interveio na profissionalização em serviço assim como em muitos outros programas de que se destaca o Projeto de Formação Contínua, criado num tempo em que ainda vinham muito distantes os Centros de Formação. Da análise da brochura publicada pelo CRE *Um distrito em formação permanente: um projeto sempre em construção* (maio 1990) infere-se que a ESE estabelece o 1.º plano de formação para todo o distrito de Setúbal, apoiando no início 3 polos de formação, com uma equipa diversificada, coordenada por Rui d’Espiney e Margarida Graça então também coordenadora do CRE.

Com os Centros de Formação Contínua do distrito a colaboração foi uma constante. Situações houve, como em 1993, na área de Centros de Recursos e a Reforma Educativa, em que a mesma formação, por pressão dos/as professores/as, foi realizada em múltiplos locais.

Outro projeto, este na área específica dos CRE, foi o da formação de professores no âmbito do Programa de Desenvolvimento Educativo

para Portugal (PRODEP) para promoção de Centros de Recursos (Concurso nº 6/91 do Ministério da Educação, GEP e DGEB) e para criação de Mediatecas escolares (Concurso nº 15/90 do ME e GEP). Nos Cursos de Formação Especializada em CRE (1998) uma das áreas da Formação específica do Curso ficou a cargo do CRE. Na área da Formação Especializada foi implementado o *Curso de Bibliotecas Escolares: Centros de Recursos Educativos* (2003).

Na colaboração com a Escola, o CRE esteve sempre presente nas iniciativas pedagógico-científicas realizadas, na organização de inúmeras visitas guiadas ao edifício (sobretudo para escolas de arquitetura do Japão, Alemanha ou nacionais), no apoio aos cursos e a disciplinas/UC específicas, na orientação e apoio à pesquisa bibliográfica autónoma. Estabeleceu-se colaboração na lecionação com outras escolas do IPS, como a Escola Superior de Ciências Empresariais (1995/96) e a Escola Superior de Saúde (2000/02).

3. Uma equipa coesa, uma equipa implicada

A equipa docente do CRE foi diversificada nas áreas científicas de proveniência, de formação e nas categorias profissionais. A equipa coordenadora foi rotativa, ou seja, a coordenação do CRE e a dos setores foram, sempre que possível, entregues a docentes que, além

de serem obrigatoriamente professores na ESE, tinham de ter formação específica nas áreas dos setores que tutelavam. Entre 1987 e 2024, a responsabilidade dos setores esteve sempre, sem qualquer compensação horária ou remuneratória, a cargo de docentes uma vez que a *vertente pedagógica* se sobrepôs à *vertente serviços*. A equipa, apesar de coesa e duradoura, teve algumas entradas e saídas. A estabilidade foi, porém, o traço mais marcante. Em 1997 foi celebrado, entre o Conselho Diretivo e a APPACDM, um protocolo de integração pessoal e social no CRE, para dois jovens da Instituição, com direito a almoço na ESE. A diversidade, também de idades, de género, de competências (incluindo os estagiários da APPACDM, Flávio Costa e Paula Rosas) nunca impediu, antes favoreceu, o desenvolvimento desta equipa multidisciplinar.

Para ela, dois tipos de formação foram sempre fomentados: a formação interna, entre os diversos responsáveis e técnicos pelos diferentes setores, nas áreas em que cada um era especialista e, a formação externa, de cada um dos membros da equipa. Destacam-se as formações que todos os elementos da equipa técnica foram fazendo (de cursos de pequena duração, ao completar do 9º ano de escolaridade (Natércia Massas), a licenciaturas (Fernanda Pereira e

Francisco Matias), a mestrados e doutoramentos nas áreas de Centros de Recursos Educativos (Teresa Marques), Pensamento Crítico (Isabel Rosa), Audiovisuais (Fernando Pinho, Margarida Graça, Isabel Rosa, Patrícia Arguello) e História da Educação (Ana Maria Pessoa). Fernando Pinho foi, a nível nacional, a 1ª pessoa com título de Especialista na área Produção de Conteúdos para Educação para os Media.

Importante foi também a colaboração com outras equipas da ESE, como na disciplina *Metodologias de Pesquisa e Organização da Informação* (MPOI) da área *Tronco Comum* (obrigatória para todos estudantes de todos os cursos da ESE).

4. Rede de Bibliotecas Escolares - projetos entre sintonia e controvérsia

Na colaboração com o meio, apenas se destaca, neste texto, o apoio e acompanhamento ao projeto de construção do CRE (1988-1992) da Escola Marquesa de Alorna, em Lisboa, da participação em todo o processo conducente à criação e implementação da Rede das Bibliotecas Escolares (RBE) (1995), com as escolas que desenvolveram bibliotecas, mediatecas e centros de recursos no distrito de Setúbal, em diferentes níveis de ensino, do pré-escolar ao

3º ciclo, com as bibliotecas municipais e a formação que estas foram fazendo para os seus participantes. Apoiaram-se ainda muitos Serviços de Apoio a Bibliotecas Escolares (SABE) do distrito e fora dele, participou-se em encontros regionais e nacionais na área dos media, da leitura, das bibliotecas e na produção de materiais/recursos educativos.

A colaboração com o Ministério da Educação e estruturas onde havia professores que defendiam os projetos de CRE foi uma constante; a interação com a RBE durante a vigência da coordenação de Cristina Barroso é disso exemplo. Nesse tempo, quando a responsável pelo Setor de Documentação e Informação (SDI) (Ana Maria Pessoa) foi convidada para coordenar esta Rede, o convite foi declinado por, então como hoje, a orientação preconizada para esta área apenas se focar nas questões do uso da biblioteca escolar como recurso educativo *paralelo* e não *integrado* nas práticas pedagógicas docentes. Para a RBE o CRE participou na produção de recursos educativos como: *Que posso fazer na biblioteca da Escola?* ou *Ficheiro para a autonomia dos utilizadores* (1998).

5. A raiz da atualidade

Foram da responsabilidade do CRE todas as publicações que se

fizeram desde a fundação da ESE até à criação do Centro Gráfico do IPS (1997), onde se incluem mais de 1000 documentos - não contabilizando todos os materiais produzidos sob a responsabilidade do CRE, no âmbito da avaliação das diversas atividades da ESE. Foram realizadas inúmeras exposições de materiais, cartazes, folhetos, fantoches e recursos noutros suportes, no átrio da ESE e no interior do CRE.

A publicação *InforESE: Centro de Recursos Educativos* (1987-1998), foi um meio ao serviço das finalidades do CRE, na divulgação, de *dentro* para o *meio* exterior, das publicações que ia recebendo e das iniciativas que promovia. Sempre de forma interdepartamental, com o subtítulo *Centro de Recursos Educativos* (com tiragem de 2500 exemplares), e como diretora única Margarida Graça, pretendia ser “uma folha mensal de distribuição gratuita por todas as escolas do Distrito de Setúbal, divulgando excertos de artigos das revistas nacionais e internacionais recebidas no CRE da ESE/SET e constituindo um estímulo à sua divulgação” (InforESE, 1, maio 1988).

6. Centro de Recursos Educativos: Quinteto de setores em harmonia

Após uma brevíssima resenha do enquadramento conceptual e do

trabalho desenvolvido pelo CRE, apresentam-se, *a partir de dentro*, algumas das finalidades e atividades concretizadas em cada um dos setores que o integraram. Muitos outros dados serão partilhados, como já mencionado, no livro autónomo que, ainda em 2025, será publicado sobre o CRE.

6.1. Setor de Documentação e Informação (SDI) - Integrar, saber, buscar, inovar

Desde a sua criação, o CRE sempre foi formado por *setores* cuja designação e funções foram sofrendo atualizações. No *Programa Preliminar* (1978), primeiro documento que a ele se refere, a então Comissão Instaladora divulga o projeto e as linhas orientadoras da ESE e enuncia a composição e funções do Setor de Documentação e o de Produção. Pela 1ª vez, apenas identificados como *serviços*, são os dois únicos que, então, constituíam o CRE (ESE, 1986).

Entre dezembro 1986 e 2014, a equipa de trabalho foi crescendo, sempre em equilíbrio entre a vertente *serviços* e a das *atividades pedagógicas*. Com a coordenação de Margarida Graça e a entrada de Orlando Pimentel Jerónimo e de Ana Maria Pessoa, criou-se a primeira equipa do Setor de Documentação. Além dos procedimentos normais de contratação, aquando da candidatura desta última para

formadora pedagógica da ESE, fora solicitada a redação de uma proposta de trabalho que, a partir da identificação dos princípios da ESE e dos do CRE, apresentasse um programa para aquele setor. Foi desta forma que nasceu o texto (manuscrito) - *O Centro de Documentação no Centro de Recursos da Escola Superior de Educação de Setúbal: questões prévias* (nov. 1986-fev 1987) –. Nele se apresentava um programa de trabalho quer para o serviço quer para a intervenção pedagógica na área dos recursos educativos.

6.2. Formação inicial

Como apoio a essa função da ESE foram publicadas diversas brochuras (com capa - *pro bono* - do artista plástico Pedro Proença) na coleção *Como Fazer*. Muitas outras constituíram-se como materiais de apoio para as disciplinas/UC. Na sequência de um curso de *Bibliotecas Escolares* (Porto, 1993), a convite de Jorge Araújo (editor de Campo das Letras) foi publicado o livro *A Biblioteca Escolar: organização para uma pedagogia diferente do 1º ciclo do ensino básico ao final do ensino secundário* (1994) que inicia, na editora, a coleção Campo da Educação. Esse foi o primeiro texto em que se defende a formação dupla - biblioteconomia ao serviço de novas formas e práticas pedagógicas - para responsáveis por

bibliotecas escolares.

Participou-se na lecionação de todas as disciplinas/UC em que o CRE intervinha assim como noutras da área da especialidade científica da responsável pelo SDI. Desde 2009 que o SDI colaborou na revista *Medi@ções* da ESE, como membro da equipa editorial, de revisão e na edição do número sobre *História Local* (2021).

6.3. Projetos de formação contínua

O CRE teve intervenção em Projetos de formação que a ESE esteve envolvida em Angola (2007 e 2010), Moçambique (1993 e 1995) e Guiné-Bissau (2019). Na ESE, também se colaborou com o Bacharelato em Educação (Moçambique) e, na Oficina Pedagógica, onde ainda hoje existe um enorme acervo de cartazes e outros materiais efetuados pelos/as formandos/as do Curso.

Em 2007, antes do desenvolvimento do projeto em Angola (Benguela), trabalhou-se, em Setúbal, com uma equipa de três professores daquela Escola do Magistério Primário – Urânia Neves, Madalena Tiago e Oliveira Kamaty, de forma intensiva, para a criação de um Centro de Recursos. Aquando da missão presencial foi inaugurado, na Escola do Magistério Primário de Benguela, um CRE numa das salas daquela escola de formação de professores. Em

Moçambique, a ação decorreu em Vilanculos (2007), com formação realizada para docentes na área dos CRE e de Oficina Pedagógica. Para promover o uso de recursos diversificados na sala de aula, participou-se no projeto *Empowering Eportfolio Process* (2017/18) - dinamizador da utilização destes recursos.

Desde 1988 que haviam começado os contactos com a secção das Bibliotecas Escolares, com a *International Federation of Librarian Association* (IFLA) e que havia sido criado um grupo de bibliotecas escolares na Associação de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (BAD), sob a responsabilidade de Ana Maria Pessoa (1988/90). Esse grupo extingue-se e, volta a funcionar de novo, em 1994, com algumas das pessoas que ainda hoje o integram, agora sob a designação *Grupo de Documentação e Informação Escolar*. Em 1989 foi criado, no âmbito da mesma associação, o *Grupo de Trabalho Documentação e Informação Escolar*, abrangendo a temática das Bibliotecas Escolares. Com a designação atribuída pela coordenadora, pretendia-se estabelecer a possível ligação entre o CRE/ESE e a formação nesta associação profissional, nas áreas do *tratamento documental e formação pedagógica* para os técnicos de bibliotecas, arquivo e documentação.

A partir da oficialização da Rede das Bibliotecas Escolares (1996) e, por a equipa do CRE não se rever na orientação das bibliotecas escolares, mais para *fora* da sala de aula do que como mais *um* recurso educativo ao serviço da atividade docente, foi este grupo desmantelado e passou a designar-se apenas *Grupo Bibliotecas Escolares*.

A partir de 2000 desenvolvem-se, como nunca até então, as iniciativas na área das bibliotecas escolares, na maioria dos casos por iniciativa de muitos dos professores que haviam trabalhado com o CRE, desde finais dos anos 80 do século passado. Na impossibilidade de todos referir, e além de seminários, encontros, conferências... identificam-se o curso de mestrado *on-line* que, desde 2004/2005, a Universidade Aberta promoveu na área da Gestão de Informação e Bibliotecas Escolares, o projeto THEKA (patrocinado pela Fundação Calouste Gulbenkian); a Formação de Professores para Desenvolvimento de Bibliotecas Escolares e o Seminário Internacional sobre Bibliotecas escolares (set. 2006).

6.4. Ligação ao mundo

A colaboração com o meio foi muito intensa, e revestiu-se de diferentes formas: com Câmaras Municipais de todo o distrito e fora

dele como o *Curso de Formação - Como organizar e dinamizar bibliotecas escolares*, em colaboração com a BAD e a Câmara Municipal do Porto (1988), com a Região Autónoma dos Açores (1989); com Centros Culturais como o Centro Emérico Nunes (1988); com intervenções sobre Bibliotecas e CRE em inúmeras escolas, públicas e privadas (Colégio S. João de Brito, 1996), do distrito e fora dele, nacionais ou internacionais como o Encontro Internacional de Bibliotecas do Centro Entre Tejo e Sado (2001).

Desde 2018 que se tem estado sempre ligado ao Clube de Leitura IPS, dinamizando algumas das sessões e participando nos trabalhos. Em 2024/25 também teve intervenção no projeto de Clube de Leitura *Asa Delta*, o primeiro com apoio do Plano Nacional de Leitura para o Ensino Superior, e que teve *Liberdade* como tema agregador.

Também na área de serviços a colaboração com o meio foi uma constante. Desde o início da informatização das bibliotecas participou-se em todos os grupos de trabalho de lançamento do sistema UNIMARC (1987), na criação da Rede de Bibliotecas Escolares (1996), em todas as reuniões para a criação de um catálogo comum das ESE, entre muitas outras. A autonomia de cada elemento do CRE/SDI foi sempre incutida em todos os elementos da equipa

como se reflete, entre outros exemplos, na publicação de *Como aceder aos ficheiros informatizados do CDI* (Nascimento & Luz, 1988) e na participação em todos os grupos de trabalho da ESE e do IPS na área da documentação e informação (2009).

6.5. Gestão democrática

Entre 1986 e 2023 houve representantes do CRE em muitas das áreas de gestão da ESE, fosse como elementos das Assembleias Estatutárias que redigiram os diversos Estatutos, no Conselho Geral do IPS, no Conselho de Representantes, no Conselho Científico, no Conselho Pedagógico e como membro do Conselho Diretivo (2002). Após o período de instalação da ESE, Valentino Silva, membro da equipa do SDI, em representação dos funcionários, ter sido o primeiro funcionário a fazer parte do 1º Conselho Diretivo eleito (1996).

6.6. Formação Interna

A nível da formação da equipa do SDI, além dos muitos seminários de formação interna (entre 1988 e 2020) foi-se realizando formação de atualização em diversas áreas, da encadernação e restauro de livros (2008) à formação em *IA no ensino superior* (2024).

O SDI proporcionou formação na área de intervenção. Desde 1987,

houve formandos que posteriormente fizeram formação específica em Biblioteconomia (José António Calixto e Rui Neves). Orientou, também, diversos estágios. No domínio das Ciências Documentais-Biblioteca e Documentação, em parceria com o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), realizaram-se Estágios Profissionais (2007); fizeram-se parcerias através de Contratos de Emprego e Inserção (2014). Em 2015/2016, no mesmo programa, Valentino Silva preparou uma intervenção para divulgação de conteúdos do SDI/CRE com vista à criação de uma página SDI/CRECM. Também através do Centro de Emprego do IEFP receberam-se 2 estagiárias (2001/2002) para realizarem o Estágio Profissional de Técnico Profissional de Biblioteca e Documentação (INETE). Susana Marques, uma delas, passou depois, em 2001, por concurso, a membro da equipa do SDI.

6.7. Dar a conhecer

As visitas ao SDI e ao CRE (nas disciplinas/UC lecionadas pelos docentes do CRE, visitas guiadas no edifício de Siza Vieira), foram realizadas sob a orientação do Setor de Animação que também tinha a seu cargo a dinamização da Oficina Pedagógica (Teresa Marques e Ana Maria Pessoa). Outra atividade com forte impacto foi a

organização de Exposições no átrio da ESE e no interior do CRE. Atividades como a organização de informação individualizada sobre a produção científica dos docentes da ESE e solicitação de colocação no Repositório Institucional do IPS (RCIPS) (Marques, 2021/22), organização, registo e tratamento documental de trabalhos de estudantes de anos anteriores, a gestão dos empréstimos (feita por todos os técnicos) assim como a gestão do setor pela responsável do SDI (sem qualquer carga horária atribuída ou compensação monetária) são tarefas, entre muitas, cuja invisibilidade aqui se desoculta.

6.8. Investigação na ação

Área fundamental de trabalho do SDI foi a da investigação sobre bibliotecas escolares, mediatecas e centros de recursos, apresentadas em congressos, mesas redondas e na imprensa.

A equipa do SDI/CRE interveio, sempre que foi possível ou para tal foi convidada, em todos os setores/actividades que se relacionaram com recursos educativos, seja na forma de livro (Pessoa, 1994), de textos diversos, de avaliação do processo de implementação de mediatecas (Canário, Oliveira, Barroso & Pessoa, 1994).

6.9. Volta e volta ... manual escolar

No que respeita aos manuais escolares, enquanto recursos educativos, foram feitas diversas formações (1987-2024) sobre o seu uso que, integrados nas disciplinas a cargo da equipa docente do CRE, incluíam análise de manuais e apreciação de livros infantis. A partir de 2000, a seleção e certificação de manuais passou a ser alvo de legislação específica por parte da administração central. Desde então até hoje tem sido visível um investimento maior no apoio a este tipo de recursos, também digitais, do que à utilização de *outros* recursos pedagógicos possíveis em sala de aula.

Remete-se para o livro em preparação uma reflexão mais aprofundada sobre os efeitos que esta opção teve no trabalho de criação e desenvolvimento de outros recursos e na que teve (e tem) na ligação (hoje quase inexistente) entre as bibliotecas escolares, as Mediatecas, os CRE e o trabalho nas salas de aula. Mesmo quando esses manuais se apresentam com a denominação de manuais digitais, em muitos casos, não são mais do que manuais em formato PDF, sem que disponibilizem alternativas didáticas e pedagógicas aos ditos manuais escolares tradicionais.

6.10. Documentar, organizar, avaliar

Neste momento o SDI dispõe de um acervo documental completamente tratado, informatizado e em muito casos digitalizado, disponível *online*, como livros, diapositivos, maletas, filmes, diaporamas, CD, dossiês... Ao longo dos tempos, diversos trabalhos de atualização foram necessários, como é o caso da reorganização dos videogramas (2006) ou da Base de Dados de Utilizadores (2006-2025). Participa no RCIPS e, todos os recursos de todos os setores do CRE (fotografias, conferências, diaporamas, encontros, ...), têm o tratamento documental adequado. A título de exemplo, em 2017/18 foi feito o tratamento documental da totalidade do acervo da Oficina Pedagógica (digitalizado, conversão de ficheiros imagem em PDF e colocação no *Calameo*). Em 1987 havia um fundo documental de 50 livros, no chão e no sótão do Palácio Frixell (primeiro local onde funcionou o CRE, então só com esta área). Hoje são mais de 37 mil monografias e muitos outros documentos. A avaliação do que é o trabalho do Setor de serviços, esteve sempre presente desde 1987 até hoje. Regularmente são feitos *Inquéritos de Satisfação dos Serviços de Documentação do IPS*.

7. Setor dos Audiovisuais – Sentido dos sentidos

O Sector dos Audiovisuais (AV) do CRE, em articulação com os

outros, centrou-se no desenvolvimento de capacidades formativas, técnicas e tecnológicas, numa perspetiva de incentivar a autoformação, a produção de materiais com qualidade. Na vertente da Educação para os Media dinamizou, apoiou e incentivou realizações muito diversas como as que seguida e brevemente se enunciam.

7.1. Formação Inicial

O setor AV interveio, entre muitas outras, em todas as disciplinas dos cursos de licenciaturas já enunciadas, em Opções dos Cursos de CESE Gestão Pedagógica e Administrativa (1993/2004) e no *Curso de Qualificação para o Exercício de Outras Funções Educativas nas áreas de Animação de Centro de Recursos* (1994/95), assim como em UC da Licenciatura de Enfermagem e Fisioterapia (2005/07).

7.2. Formação Contínua

Realizaram-se diversas ações de formação em parceria com intervenientes importantes nos sectores da produção audiovisual e da formação de leitores/espetadores atentos e críticos. Desde o *Projeto TV- escolas* (1990/2002) - para promoção da análise crítica de programas televisivos, com disponibilização de formação aos professores de uma rede com mais de 20 escolas, de diversos níveis,

do distrito a “O Audiovisual ao serviço da intervenção educativa” - Curso de Orientação Pedagógica e Educacional para Educadores de Infância (1992/93) em parceria com o Centro Regional de Segurança Social e a DREL, o Curso de Formação de Formadores (1993/94) em parceria com a SOLISNOR, o *Curso de Vídeo* (1998) organizado com a Federação Portuguesa de Cinema e AV e dinamizado por António Cunha (diretor da Videoteca de Lisboa) e Vitor Candeias (Universidade Lusófona) e o projeto *Delfim Sabe* (1997) – curso de vídeo realizado na Escola EB 2.3 Delfim Santos, em ligação com o Projeto, pioneiro na área, *Público na Escola*. Apoio ao projeto de formação contínua realizado em cooperação entre a ESE e o Agrupamento Escolas de Vialonga, sob a direção de Armandina Soares.

7.3. Ligação à Comunidade

Em estreita articulação com a formação contínua, realizada no distrito e a nível nacional, podem, ainda, salientar-se três projetos: *Encontros à Quinta* - (1996) - atividade semanal, com paragem da atividade letiva que permitiu “escutar a vida exterior à escola, alargando horizontes e a participação cidadã” (ESE 30 anos); Projeto *CIMA - Compreender e Intervir no Mundo Atual* (1988/90); Produção de

vídeos sobre a reflorestação na Serra da Arrábida (SECIL).

7.4. Ligação a organizações internacionais

Foi estabelecida parceria sobretudo com universidades e associações de Espanha, França e Inglaterra e com a UNESCO. Esta última, colaborou ativamente e disponibilizou apoios significativos dada a importância que sempre atribuiu à Educação para os Media (UNESCO, 1982). Destacam-se as Conferências onde se fizeram intervenções sobre o trabalho do CRE e de Portugal: *Juventude e Media - para amanhã* (abril 1997), em Paris, Encontros anuais de *Education para los Medios* na Galiza e *Jovens e Media - amanhã! Questões e Perspetivas* - (nov. 2000) em Sidney.

7.5. Produções

Além do incontável número de registos fotográficos, áudio e vídeo realizados para documentar as atividades da ESE ou de diversas entidades externas que o solicitaram, os AV realizaram diversas produções. Disponíveis no arquivo do setor, destacam-se

Diaporamas¹, vídeos² e produções gráficas. Em colaboração com outros docentes da ESE, com entidades da região, o setor produziu alguns materiais impressos como *Os Audiovisuais e a Escola* (Pessoa, 1986), *Aprender com o audiovisual* (Barros, 1988), *A Pedagogia audiovisual* (Lameira, 1989), *O Jornal e a Escola* (Fonseca & Pinho, 1994).

Enquanto elemento agregador e pela importância de que se revestiam/revestem, as atividades de *Educação para os Media*, foram um dos pilares da construção e intervenção do Setor e do CRE, na formação em literacia mediática, muito antes de 1994, quando assim passaram a ser identificadas.

7.6. Educação para os Media

Cidadania, pensamento crítico, liberdade e criatividade foram os elos base nos entrançados, desenvolvidos pelo CRE que desenharam as linhas fundamentais da atividade do sector AV: apoio à produção,

produção própria e Educação para os Media, na perspetiva de *serviços* e de intervenção nas *práticas pedagógicas*. Educação para os Media foi o *planetarium* teórico integrador, facilitador da intervenção e indutor de inovação. Trabalhar esta área foi, para o CRE e, em especial para o sector AV, uma estratégia educativa para promover um estar social mais esclarecido, mais informado, mais capaz de intervir de forma fundamentada e perene. Tinha-se uma clara direção com diversos sentidos possíveis: ajudar a fazer, a ler, a integrar, a intervir. Agregar os diversos saberes num sólido enquadramento teórico das Ciências da Educação, da Comunicação e do Pensamento Crítico, trazendo a atualidade para a escola, mas desviando o foco dos Media como centro, para os Media *como recursos*, sem idolatrias nem culpabilizações.

A intervenção do A/V teve sempre em atenção percursos e experiências já explorados, saberes produzidos através da Educação para os Media, a nível nacional e internacional e sistematizados por

¹ *Entre formas, entre vidas com a Matemática* (diaporama com 6 projetores sobre Raul Carvalho e Paulo Abrantes) – ProfMat (ESE de Santarém, 2003); *Um Olhar sobre Cabo Verde* (dez 1991); *Encontro do 1º ciclo* - Rui D’Espiney; *Uma semana diferente* - Projeto ECO; *Feminino/Masculino: a cara e a coroa da mesma moeda* -

Projeto

Educação para a Igualdade de Oportunidades – ESE/CEE); *Utopias em Construção* (com 6 projetores) entre muitos e muitos outros.

² *Soldadura Eletro-Manual* [3 produções] - (mar. -abr. 1993) - vídeos formativos para a Setenave.

Manuel Pinto em seis quadros referenciais³ (2003), sempre numa dinâmica pluridisciplinar, agregadora, de tateamento, construtora de novas experiências, novos projetos, novos saberes.

O caminho e atalhos seguidos, podem resumir-se em sete vertentes essenciais: 1) autoformação, 2) Cinema (enquanto linguagem cuidada e criativa), 3) Jornais Escolares (com especial enfoque na seleção crítica e na análise da credibilidade das fontes de informação), 4) Tecnologias (formações incentivadoras de uma utilização correta em meio educativo), 5) Materiais Pedagógicos (criação de ferramentas de apoio para incluir a atualidade na Escola e no processo ensino-aprendizagem⁴ - *Projeto TV/Escolas* (1986/90). 6) Educação para os Media (EM) em abordagens específicas, com tempos curriculares formais em disciplinas em todos os cursos de formação inicial, cursos de formação contínua, oficinas e atividades informais realizados com o CENJOR, a Videoteca de Lisboa, o Cineclube de Faro, a Escola Delfim Santos e a Escola Preparatória Marquesa de Alorna, em Lisboa); 7) Associação Educação e Media⁵ (AEM) (membro do

núcleo fundador da AEM (1997)

Entre 1997 e 2002, realizaram-se diversas formações conjuntas com o apoio do CENJOR, nomeadamente, os encontros nacionais: *Entre Limite e Limitar* (ESE Lisboa, fev.1997); *As imagens da imagem* (Fundação Eng.º António de Almeida, Porto, fev.1998); *Do Uni ao Multi Média do nosso contentamento* (ESE Setúbal, fev.1999) e *A procura de Certezas geradoras de Incertezas* (ESE Setúbal, fev.2000). Em Portugal, a AEM dinamizou, para 85 escolas (mais de 100 professores) do continente e da Madeira, o projeto europeu *Jovens telespectadores na Europa - que Formação de Professores - Programa Sócrates* (1999-2003). A AEM integrou nomes relevantes na área das Ciências da Comunicação e da Educação para os Media, como Manuel Pinto, Sara Pereira (Universidade do Minho), Vítor Reia (ESE de Faro), Joel de Almeida (ESE de Santarém/Marconi), Joaquim Fidalgo e Hélder Duarte (RTP). Trouxe a Portugal nomes incontornáveis da Educação para os Media como Ignacio Aguaded (Universidade de Huelva), Geneviève Jacquinot (Universidade Paris

³ Educação Cinematográfica; Imprensa Escolar e Jornalismo Escolar; Relação Tecnologia-Educação; Atualidade e Educação para a Cidadania; Estudo da Comunicação e dos Media; Educação para os Media nos currículos.

⁴ Como formas de integrar saberes diversificados e do quotidiano e como veículos para se realizarem análises críticas das mensagens veiculadas, se verificarem a fiabilidade das fontes, a transparência das formas de financiamento - *Projeto Público na Escola* (1989), com Manuel Pinto e Jorge Wemans;

Projeto TV- Escolas (1990), com Margarida Graça e Isabel Rosa.

⁵ Estrutura de ligação e cooperação entre profissionais da Educação e dos Media, visou uma articulação ativa e eficaz entre estes dois mundos, no sentido da mútua aprendizagem, da formação de cidadãos com pensamento crítico e mais capacitados para uma intervenção cívica fundamentada.

II), David Buckingham (King's College de Londres).

Mantém-se atual, cada vez mais importante, a necessidade de desenvolver o pensamento crítico encarado, como “forma de pensar reflexiva e sensata focada em decidir no que se deve acreditar e/ou fazer” (Ennis, 1987).

O sector AV trabalhou a Educação para os Media promovendo uma melhor compreensão dos interesses e processos da Comunicação, como estratégia de educação para o social, para a democracia, para a igualdade de oportunidades, para a inquietação, para o problematizar, para a responsabilidade, para o futuro.

8 Oficina Multimedia – rede para a autonomia

Num espaço específico, com computadores em livre acesso e apoio a pedido o setor Multimedia promovia o acesso autónomo a equipamnetos, programas e plataformas digitais.

A par com o Departamento das Tecnologias, sempre que houve abertura, foi, sem dúvida, um fundamental contacto com o mundo das redes, uma iniciação à literacia digital.

8.1 Formação para o Presente

Perante os novos desafios colocados pela enorme influência do

digital, desenvolvimento da Inteligência Artificial, dos écrans (geradores de dependências e isolamento), principalmente pela força das redes sociais que “fritam miolos” - expressão utilizada pelos jovens mais conscientes - e também face ao *cyberbulling*, videojogos promotores da violência, aliciamentos pedófilos, *influencers* perniciosos..., desenvolver as literacias mediática e digital na escola parece ser, cada vez mais, imperativo.

Num momento particular da Humanidade, confrontada com nova(s) guerra(s) na Europa, um genocídio em Gaza, o total desrespeito pelas leis internacionais e pelos direitos humanos, a mentira aparentada de verdade, os factos alternativos, a banalização do insulto, a falta de ética, o desprezo pelos valores universais, o crescente da violência, a lei dos *fora da lei*, o poder das redes sociais, a Educação para os Media e para as Redes, na escola, com recursos específicos, continua imprescindível. Ela é fundamental enquanto fonte de conhecimento rigoroso (a partir das redes, no digital, nos ecrãs) e de sociabilização saudável para ajudar na formação de cidadãos mais humanos, mais informados, mais sociais, solidários, mais felizes, agentes de integração, de progresso, de paz, de comunicação entre culturas, entre povos.

9. Oficina Pedagógica – mão nas Artes

A Oficina Pedagógica (OP) foi (e é) entendida como um lugar de conceção/produção/experimentação de recursos educativos diferenciados. Nela se valorizavam os materiais recicláveis numa perspetiva de sustentabilidade. Funcionou sempre como um banco de ideias e sugestões. Contrária à acumulação e repetição da informação, coloca o sujeito como ator da sua própria formação. É entendida como um lugar informal onde a pessoa é colocada em interação, com os outros, colegas, professores, técnicos e também com o mundo das coisas.

Os projetos partiram sempre das necessidades próprias em recursos educativos, disponibilizando-se a cada utilizador uma diversidade de materiais. Logo nos anos 80 do século passado, muito antes da sua vulgarização, numa perspetiva de reutilização e de reciclagem e de produção de recursos outros que o manual escolar, trabalhou-se nos cursos de formação inicial e continua de professores assim como na formação de outras áreas.

9.1. Produzir para o presente, arquivar para o futuro

Os materiais para produção de recursos (acetatos, canetas, molduras, tecidos, livros a reciclar, dossiês temáticos, jogos educativos, puzzles,

...) eram fornecidos pela OP. Todos esses recursos, após produzidos e utilizados, eram depositados na OP para, depois de tratamento e inserção na base de dados, então como ainda hoje, ficarem disponíveis para consulta local ou requisição domiciliária.

A produção de materiais, então quase inexistente à exceção dos manuais escolares, era feita com o apoio da OP, em disciplinas de opção como *Produção de Materiais Pedagógicos, Atividades para a Autonomia...*) lecionadas por elementos do CRE ou por outros professores que, em colaboração com ele, lecionavam disciplinas de *Prática Pedagógica, Estágio, Introdução ao Estudo do Meio, Estudos Europeus, Animação de Bibliotecas e Espaços Pedagógicos*. Nos projetos de cooperação com os PALOP, nos Cursos de Bacharelato feitos com Moçambique e noutras formações com Angola, Guiné-Bissau e Cabo-Verde. Ainda hoje é possível o acesso a todos esses recursos, presencial ou *on-line*: está disponível um conjunto de mais de 500 conjuntos de transparências temáticas (*higiene em sala de aula, composição de uma orquestra, constituição do corpo humano...*) e de mais de 50 cartazes manuais (*ilustração da tabuada, apresentação das regras de adição, subtração, ...*). A aquisição e produção de recursos educativos foi sempre uma forma de

alimentação dos recursos da OP a que se juntou, até hoje, a aceitação de ofertas de materiais, provenientes das mais diversas fontes, como mapas, carimbos e muitos outros (ex, a doação de Maria Antónia Pires Rodrigues Morais). O acervo da OP é hoje composto por dossiês temáticos, mapas, fantoches, maletas pedagógicas, produzidos para a avaliação de estudantes ou para utilização nas práticas pedagógicas.

Tal como o CRE, o espaço da OP fazia parte das atividades de visita e de acolhimento a estudantes do 1º ano dos cursos ministrados na ESE/IPS, assim como de atividades em diversas áreas científicas.

Depois da reforma de Teresa Marques, sua sempre responsável, a OP foi deslocada, dentro do espaço CRE para uma sala no SDI e, em 2024/25 passou para a cave da biblioteca, onde continua disponível, como sempre, graças ao empenho de Susana Marques e Luísa Cruz, a consulta e produção de materiais e recursos educativos.

9.2. Formação contínua

A OP organizou sessões continuadas sobre património e preservação (Circular nº 2. mar.1988) com visitas de estudo ao Convento de Jesus (orientadas por Albérico Afonso), uma sessão teórica sobre a relação património/Escola (orientada por Isabel Cottinelli Telmo) e outra teórico-prática sobre como fazer uma visita de estudo (Ana Maria

Pessoa). A interdisciplinaridade foi uma finalidade constante das iniciativas do CRE e, em particular, das que se realizaram na/com a OP. Participou também na formação em *Centros de Recursos*, ao abrigo do Programa FOCO (1994/95).

Destaca-se a organização, divulgação ou produção de eventos diversos como a intervenção na Conferência *(RE)Descobrir a criança* (1992), realizada numa parceria entre ESE e Associação Portuguesa de Educadores de Infância (APEI).

O trabalho do CRE foi analisado por Teresa Marques na dissertação de mestrado que fez sobre *Centros de Recursos e formação de professores (...)* (1997), onde a avaliação é feita, pela primeira vez, por um elemento interno do projeto.

9.3. Oficina Pedagógica Virtual

A divulgação e disponibilização destes materiais está prevista continuar através da criação da *Oficina Pedagógica Virtual* como se tem vindo a fazer com a criação de museus escolares virtuais, através da qual se pretende dar acesso em qualquer ponto, utilizando as tecnologias digitais existentes. Como há 40 anos mantém-se, provavelmente mais importante devido à aparente facilidade do digital, a necessidade de se saber projetar, selecionar materiais,

dominar técnicas e produzir, pelas próprias mãos, com arte e engenho, recursos a usar nos ambientes educativos. Pensar, escolher, realizar, utilizar e guardar foram os princípios da Oficina Pedagógica. Em nada perderam a atualidade!!!

10. Setor Gráfico – Pantone de fontes

Como já foi expresso, o CRE é criado como um dos “recursos de formação e apoio a atividades dos docentes no distrito” (ESE, 1986, p. 16), composto por “dois serviços: um serviço de Documentação e um Serviço de Produção [prevendo-se o funcionamento] de uma Oficina Pedagógica” (ESE, 1986, p. 17). Este *serviço* de Produção teria uma secção de audiovisuais na qual se realizariam “trabalhos em função de projetos pedagógicos em que colaborem professores, alunos e técnicos e em que todo o processo de conceção e realização do documento desempenhe um papel formativo” assim como uma reprografia, onde se executariam “todos os trabalhos gráficos da ESE” (ESE, 1986, p. 17). Desde o início que, também no Setor Gráfico (SG) do CRE, se previa uma conexão entre área pedagógica e produção de recursos. Desta ligação resulta que, além de todas as publicações da ESE terem sido editadas pelo CRE (entre 1986 e 1997, num total de mais de 1000 livros, desdobráveis, antologias de textos, manuais

escolares, cartazes e muitos outros) também a produção de recursos em ligação às necessidades definidas *em sala de aula* eram prioridade do setor. Através de parcerias com a INAPA (1987) e outras empresas do meio, foram muitos os trabalhos realizados para o exterior como um dos recursos e apoio às atividades da região. As parcerias estabelecidas, os trabalhos realizados para a comunidade e os projetos de cooperação com os PALOP ofereceram uma elevada rentabilidade financeira à ESE. Durante muitos anos, o trabalho no SG, coordenado por Fernando Pinho, foi enriquecido, numa ligação estreita com a Direção, com alguns estudantes com maiores dificuldades económicas que, ao prestarem serviços (alcear folhas, produção de cartazes, apoio a eventos realizados na ESE), tinham uma contribuição para colmatar o encargo com as propinas.

10.1. Tipograma da formação

Além da produção/publicação, para a ESE e para o exterior, o SG esteve, como os outros setores, implicado em todas as atividades que foram feitas na formação inicial (através de Oficinas de *Fotografia analógica e digital*, cartazes, ...), na produção de recursos de apoio nas disciplinas de *Prática Pedagógica*, e ainda de disciplinas específicas de certos cursos, como foi o caso de *Educação para os*

Media e Gestão da Informação, na Licenciatura de Comunicação Social. Esteve implicado, desde 2016, na formação dos Cursos Técnicos Superiores Especializados (CTesP) em *Produção Audiovisual*.

Participou ainda nas oficinas (fotografia, cartaz, produção e animação de exposições) que foram realizadas na formação contínua, em projetos realizados na ESE. Nos cursos de Formação Complementar (Programa FOCO e formação de coordenadores de Centros de Recursos), assim como no, já referido, curso de Bacharelato de Moçambique.

10.2. De Setor Gráfico do CRE a Centro Gráfico do IPS... a nada!

A partir de (1997) o SG do CRE deixa de ter visibilidade é integrado nos serviços do IPS e passa a denominar-se Centro Gráfico. Como já referido esta foi a primeira de uma série de transformações que o CRE vai ter no seu trajeto na ESE (1986-2022). Ao longo desse período, muitas foram as intervenções externas de desmantelamento do CRE. A última, feita em 2024, elimina o setor de Documentação e Informação que passa a integrar a Divisão de Bibliotecas do IPS. O único setor do CRE que ainda permanece é o dos Audiovisuais. Os

espaços que, desde antes da ESE existir, tinham sido pensados para albergar o CRE, como centro de atividade da Escola, estão hoje com funções completamente diversas. Na atualidade o Centro Gráfico do IPS foi extinto, todo o equipamento alienado e as produções são encomendadas ao exterior.

Reflexões finais - Do canto do cisne à Fénix renascida

Desde o início do projeto da ESE que se tinha previsto que seria necessário que a escola não ficasse enredada em legislação e burocracias e que devia dispor “dos instrumentos necessários à avaliação da sua própria atuação na prossecução dos seus objetivos” (ESE, 1986, p. 28). Quer no SG quer no dos AV, foram sendo produzidos alguns documentos de avaliação e reflexão (Margarida Graça, Fernando Pinho e Ana Maria Pessoa, 1988). Anualmente, foram elaborados planos de atividades e relatórios nos quais se tentava avaliar o que se ia fazendo e se propunham, medidas para avançar sempre que os objetivos não se consideravam cumpridos. A dissertação de mestrado de Fernando Pinho - *Educação para os Media: as imagens como pedagógica socialmente integradora* (2008) sublinha outros dois aspetos das finalidades do CRE: refletir sobre o trabalho produzido, sempre a partir de um ponto de vista integrador,

também para jovens alunos em situação de risco e promotor da autonomia de estudantes.

Muitos dos cursos feitos pela equipa que aqui trabalhou e dos perfis que foram traçados para a contratação de agentes de apoio a esta área são exemplo da constante preocupação de atualização, de qualidade e de avaliação do trabalho feito que subjazeu à atividade dos setores e de todo o CRE.

Foi no enquadramento legal, histórico e teórico, anteriormente enunciado que o Centro de Recursos Educativos da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal desenvolveu a sua atividade. Defendeu-se sempre que o CRE tinha de ser algo mais do que um local de apoio à atividade pedagógica *fora* da sala de aula. Esse apoio devia assentar numa dinâmica pluridirecional articulada com a atividade curricular disciplinar, na relação com o exterior e com todas as atividades da Escola, numa cultura de integração dos diversos recursos nos processos de trabalho e de produção de conhecimento.

Num tempo com poucas redes sociais, em que o tempo de todos (professores, estudantes, funcionários) permitia um investimento constante no *estar* no espaço da ESE para a pesquisa, seleção, tratamento e utilização de informação, o CRE disponibilizou salas,

recursos e equipamentos mas, sobretudo, a formação nas áreas de modelos e práticas pedagógicas inovadoras, nas linguagens AV, na produção de materiais assim como promoveu uma formação alargada no distrito, para centenas de professores, funcionários, técnicos. Desde sempre a orientação para uma pedagogia ativa, para a autonomia, assim como o combate às desigualdades no acesso à escola e ao abandono escolar esteve na base da disponibilização do CRE a todos.

Desde o início do CRE que a sociedade da informação e os recursos educativos (disponíveis através de tecnologias como telefone, computador, televisão por cabo e vídeo) foram incorporados nas atividades de formação seja na criação de módulos de formação em imagem (retroprojeção, fotografia, vídeo...), em análise crítica (projeto TV-Escolas) seja na parceria com os professores que, na ESE trabalhavam, então área de ponta, nas TIC, seja no exterior, com o trabalho desenvolvido, em articulação com jornalistas e técnicos dos media, na Associação Educação e Media e na transformação das bibliotecas escolares em centros de recursos diversificados, com acesso a múltiplos e diversos materiais pedagógicos e outras formas de os trabalhar.

Esta foram algumas áreas em que se anteviu a profunda transformação que, a todos os níveis, as tecnologias e os recursos digitais viriam a trazer nas formas de comunicação e de utilização na sala de aula, na escola, na sociedade.

O CRE foi uma EQUIPA de professores e de técnicos qualificados nas áreas que desenvolviam. Foi uma equipa integradora e incentivadora, que acolheu, com afeto e profissionalismo, técnicos oriundos de projetos de empregabilidade de pessoas com deficiência e/ou incapacidade. Foi uma equipa que deseja(va) contribuir ativamente para uma escola democrática, ao serviço da região. No CRE a equipa era coesa, alegre, criativa e, em autoformação cooperada (Niza,1997), visava criar oportunidades, facilitar experiências, para tornar os estudantes em formação inicial e profissionais em formação contínua, mais desenvoltos na utilização de equipamentos a que só os mais abastados e provenientes de ambientes culturais favorecidos tinham acesso.

Promoveu a formação para dentro da equipa de acordo com necessidades decorrentes do trabalho que precisava fazer. Facilitou a formação académica de cada um dos elementos que a compunham e também foi buscar pessoas especializadas do mercado para trazer

inovação técnico-pedagógica.

Foi uma equipa que incentivou, a entreatajuda, a reflexão, a crítica fundamentada de forma que futuros professores e educadores aprendessem a produzir os trabalhos autonomamente, individualmente ou em grupo. Tais trabalhos foram realizados com materiais e equipamentos atualizados e disponíveis: câmaras, microfones, gravadores, luzes, tripés, mesas de montagem vídeo e áudio, retroprojetores, produtos reciclados, sempre na perspetiva de produção de novos recursos educativos para a sala de aula.

Foi uma equipa centrada na interação, a nível, nacional e internacional, com escolas, autarquias, empresas, associações, outras ESE, universidades, museus, companhias de teatro, grupos musicais... O CRE desenvolveu uma atividade coordenada entre os cinco sectores - Documentação e Informação, Computadores e Multimédia, Gráfico, Oficina Pedagógica, Audiovisual - que, maximizando os recursos disponíveis, inventou novas formas de intervir. Uma atividade que partiu dos interesses e das necessidades das diversas comunidades. Uma atividade que se alicerçou em projetos que visavam o desenvolvimento de competências, a melhoria das práticas, a qualidade do trabalho das escolas. Uma atividade de

interrogação para que se fosse construindo a evolução. Uma atividade, sem cansaços, sem horários nem recompensas outras que não o desejo de realizar, de aprender, de apoiar. Uma atividade aberta, inclusiva, sem grandes reservas, certa de importância do outro e de todos os outros, distribuidora de oportunidades e de afetos, assente na defesa dos valores e nas práticas de uma sociedade democrática. O CRE da ESE de Setúbal demonstrou que é possível trabalhar de outro modo, criar novas sinergias e entusiasmos. A equipa do CRE defende que o modelo trabalhado pode e deve ser replicado.

A equipa do CRE perspetiva que o futuro da Educação, da Democracia, da Humanidade... passará, em grande medida, por escolas desafiadoras como foi a ESE de Setúbal ... onde fomos (muito) felizes!

Referências Bibliográficas

- Ennis, R. H. (1987). A taxonomy of critical thinking dispositions and abilities. In J. B. Baron, & R. J. Sternberg (Eds.). Teaching thinking skills: Theory and practice (pp. 9-26). W. H. Freeman and Company.
- Grupo trabalho bibliotecas escolares BAD.
<https://bad.pt/organizacao/grupos-trabalho/gt-bibliotecas-escolares/>
- Instituto Politécnico de Setúbal. Escola Superior de Educação. (1995). Estatutos do IPS/ESE. Despacho 29/95
- Instituto Politécnico de Setúbal. Escola Superior de Educação (1986). Um novo recurso ao serviço da região. CRE/ E.S.E.
- Pinto, M. (2003). Correntes da educação para os media em Portugal: Retrospectiva e horizontes em tempos de mudança. Revista Iberoamericana de Educación, 32, 119-143.
<https://doi.org/10.35362/rie320923>
- Regulamento nº 127/2009, de 25 de março. Diário da República, Série II(59).<https://files.diariodarepublica.pt/2s/2009/03/059000000/1134311346.pdf>
- UNESCO. (1982). Declaração de Grünwald sobre Educação para os Media. <https://milobs.pt/wp-content/uploads/2018/06/Declaracao-de-Grunwald.pdf>

Nota curricular

Margarida Graça – Professora adjunta aposentada do Departamento de Comunicação ESE-IPS. Fundadora e membro da equipa do Centro de Recursos Educativos (CRE) da ESE-IPS.

Ana Maria Pessoa - Professora coordenadora aposentada do Departamento de Ciências Sociais e Pedagogia ESE-IPS. Durante 37 anos foi responsável pedagógica pelo Setor de Documentação e Informação (SDI). Fez parte da equipa do Centro de Recursos Educativos (CRE) da ESE-IPS.

Fernando Pinho – Professor especialista aposentado do Departamento de Artes ESE-IPS. Setor Gráfico e Audiovisuais - Fotografia do CRE. Fez parte da equipa do Centro de Recursos Educativos (CRE) da ESE-IPS

Francisco Matias - Técnico superior do sector de Audiovisuais ESE-IPS. Fez parte da equipa do Centro de Recursos Educativos (CRE) da ESE-IPS

Isabel S. Rosa - Professora adjunta aposentada do Departamento de Ciências ESE-IPS. Setor Audiovisuais do CRE. Fez parte da equipa do Centro de Recursos Educativos (CRE) da ESE-IPS

Luísa Cruz – Funcionária da Biblioteca da ESE-IPS. Fez parte da equipa do Centro de Recursos Educativos (CRE) da ESE-IPS.

Natércia Massas – Funcionária aposentada do Setor de Documentação e Informação (SDI). Fez parte da equipa do Centro de Recursos Educativos (CRE) da ESE-IPS.

Patrícia Arguello – Professora adjunta da ES de Saúde. Fez parte da equipa do Centro de Recursos Educativos (CRE) da ESE-IPS.

Susana Marques - Assistente técnica da DBAD – Divisão de Bibliotecas, Arquivo e Documentação do Instituto Politécnico de Setúbal, (Biblioteca da ESE-IPS). Formada no INETE – Instituto de Educação Técnica de Lisboa. Fez parte da equipa do Centro de Recursos Educativos (CRE) da ESE-IPS

Teresa Marques - Professora adjunta aposentada do Departamento de Comunicação ESE-IPS. Setor Oficina Pedagógica do CRE. Fez parte da equipa do Centro de Recursos Educativos (CRE) da ESE-IPS